

A (im)previsibilidade da crise e o pluralismo da Economia

LUÍS FELIPE LOPES MILARÉ*

The (un)predictability of the crisis and the pluralism in Economics. This paper discusses the predictability of the last global economic crisis relating it to the lack of pluralism in Economics. In order to do so, first is presented a literature review of the development of economic theory in recent years. Then the two main views on the predictability of the crisis are presented: (1) the economic models used to understand the economy did not incorporate bubbles so, the crisis was unpredictable; and (2) the crisis was predictable when applied other methods of understanding the economy.

Keywords: crisis; pluralism in Economics.

JEL Classification: B4; B5.

INTRODUÇÃO

Diante da grande crise econômica que afligiu o mundo a partir de meados de 2008, diversos artigos nacionais e internacionais buscaram entender sua formação e estimar/interpretar, seu possível desenvolvimento. Este artigo foge um pouco desse padrão e busca relacionar a (im)previsibilidade da crise à falta de pluralismo na economia.

A crise econômica foi capaz de revelar um sistema financeiro frágil e demasiadamente desregulado, preparado para servir o capital, e despreparado para garantir o bem-estar coletivo (Stiglitz, 2008). Porém, a crise econômica iniciada pela bolha imobiliária estadunidense foi capaz de revelar outras crises, não apenas no chamado “mercado”, mas também na academia (Arnold apud Bezemer, 2009, p. 2).

* Mestre em Economia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: luismilare@gmail.com. Submetido: 18/agosto/2011; Aprovado: 9/janeiro/2013.

Diversos veículos da mídia nacional e internacional têm mostrado a necessidade de uma revisão no método de ensino da economia, garantindo uma maior pluralidade e aplicabilidade (The Economist, 2009; Andrade, 2009). Não é de hoje que a economia sofre com uma total falta de pluralismo. Diversos atores — como o movimento pós-autista — têm suplicado por uma mudança no método de ensino, que vá além de sofisticadas técnicas matemáticas baseadas em pressupostos irrealistas. A busca pelo realismo deve ser contínua, de forma a garantir teorias econômicas mais completas e aplicáveis (Mäki, 1989, p. 213).

Diante desta falta de pluralismo, assistimos ao método dominante falhar em prever a crise e ficamos com a falsa sensação de que algo muito pouco previsível ocorreu. Assim, o objetivo deste trabalho é relacionar a falta de pluralismo na economia com a previsibilidade da última grande crise econômica.

Para tanto, o artigo está dividido em três seções: inicia-se com uma breve revisão bibliográfica a respeito da falta de pluralismo na economia; em seguida, será apresentada a discussão acerca da (im)previsibilidade da crise; e, por fim, a conclusão.

FALTA DE PLURALISMO NA ECONOMIA

*Talvez a teoria econômica contemporânea
 não seja nada mais que a medicina do século XVI
 vestida com a matemática do século XX.*

Beed & Kane, 1991, p. 605, tradução livre

Analisando a história do pensamento econômico, podemos dividir o processo de geração e consolidação das teorias econômicas em quatro grandes revoluções e quatro grandes sínteses. As revoluções surgem através de um processo de ruptura com a tradição — seja por questões sociais, econômicas ou políticas — e culminam em uma nova síntese. Estas sínteses duram por volta de trinta anos, até que uma nova ruptura é construída.

Este processo teve sua primeira grande revolução no período de 1750-1980, culminando em Adam Smith com *A riqueza das nações*. Em grande medida, podemos dizer que essa revolução nasceu devido a uma “revolta” contra o mercantilismo. Posteriormente teríamos assistido a um período de síntese que duraria pouco menos de trinta anos. Entre 1817 e 1845 assistimos a uma segunda grande revolução teórica na economia, que terminou em David Ricardo, passando também por Malthus. Um novo período de síntese se instaurou, até que em 1870 tivemos uma nova revolução — a revolução marginalista. Esta foi iniciada por Jevons, Menger e Walras e concluída por Fischer e Marshall por volta de 1890. A quarta grande revolução deu-se nos anos da *high theory*, entre 1920 e 1930, com Keynes, Kalecki e Robinson (Screpanti & Zamagni, 2005).

É justamente a partir da última grande revolução que iniciaremos nossa análise acerca da falta de pluralismo na economia. Focaremos nosso debate no contexto da economia ortodoxa e como ela se processou a partir da Segunda Guerra Mundial.

À luz da filosofia da ciência, o debate se dá em grande medida em torno de duas visões distintas e concorrentes, quais sejam: o realismo e o instrumentalismo. A filosofia da ciência mais aceita hoje é o realismo. Ela prega que o objetivo da ciência é construir teorias de forma a continuamente aumentar a probabilidade de elas verdadeiramente representarem o que o mundo físico é de fato (Currie apud Beed & Kane, 1991). Já o instrumentalismo, prega que teorias não são nem verdadeiras nem falsas, mas apenas instrumentos de predição.

Após a *Teoria Geral* de Keynes, uma nova forma de se fazer economia emergia, com foco na representação da realidade e pouco apreço a técnicas matemáticas altamente sofisticadas, baseada em pressupostos irrealis, que pouco ou nada representavam o mundo real. O método utilizado por Keynes é o histórico-dedutivo — adequado às ciências substantivas tal qual a economia. Como mostra Bresser-Pereira (2009), nesse método parte-se da observação da realidade econômica para então, a partir dela, buscar generalizações; constroem-se assim modelos abertos e históricos que buscam relacionar tendências observadas, de modo a formar uma teoria que explique a realidade.

Por algum tempo, após a crise de 1929, os neoclássicos perderam prestígio, e seus pressupostos foram amplamente atacados. Entretanto, diante dessa mudança no paradigma, Friedman (1953), instrumentalista, defensor da *hard science*, conseguiu com a *Essays in Positive Economics* fazer uma defesa generalizada do equilíbrio parcial, apontando a irrelevância da realidade dos pressupostos. Robert Lucas complementou suas ideias com as expectativas racionais que, juntas, garantiram um modelo macroeconômico neoclássico para substituir o keynesiano. Além deste, introduziu-se um modelo neoclássico financeiro, desenvolvido por Modigliani e Miller (1958) e complementado pela hipótese do mercado eficiente de Eugene Fama. Por fim, um modelo de crescimento neoclássico foi desenvolvido por Solow (1956) e complementado pelos modelos de crescimento endógenos (Bresser-Pereira, 2010, p. 15). Esse aparato teórico deu novo fôlego ao neoclassicismo, que pôde contar com um modelo teórico consistente — apenas na forma, sem necessariamente representar a realidade — para explicar os sistemas econômicos.

O modelo neoclássico utiliza o método hipotético-dedutivo, aplicado nas ciências metodológicas — tal qual a física —, trazendo dessa forma uma roupagem tida como “verdadeiramente científica”. Esse método¹ parte de hipóteses precisas e quantificáveis que, amparadas no pressuposto da racionalidade econômica, possibilita o desenvolvimento de uma teoria altamente formal e matemática. Embora a economia, diferentemente da física, seja uma ciência social substantiva, cujo objeto de estudo é aberto e complexo — os sistemas econômicos —, foi justamente nessa aparência científica, proporcionada pelo método hipotético-dedutivo, que encontramos a legitimidade proporcionada pela teoria neoclássica ao neoliberalis-

¹ Para uma análise detalhada dos dois métodos (histórico-dedutivo e hipotético-dedutivo) e sua importância para a teoria econômica ver Bresser-Pereira (2009).

mo e, com ele, a desregulamentação exacerbada dos mercados (Bresser-Pereira, 2009; Bresser-Pereira, 2010).

Com o retorno do neoclassicismo ao *mainstream* assistimos à ciência econômica trilhar um caminho bastante preocupante: de um lado o método neoclássico é ensinado na vasta maioria das universidades ao redor do mundo, de outro, uma série de outras formas de se enxergar a economia são deixadas de lado quando não esquecidas pela grande maioria das universidades.

Com isso a teoria macroeconômica — que surgiria com Keynes como uma disciplina separada e que deveria ser aberta a distintas formas de se teorizar — praticamente se fundamentou nas hipóteses neoclássicas — como a racionalidade — que pouco ou nada colaboram com um melhor entendimento da realidade.

A pluralidade de ideias, necessária ao desenvolvimento desse campo tão complexo da teoria econômica, foi deixada de lado ao custo de um formalismo matemático rigoroso, com pouca comprovação empírica. A necessidade de se abrir a macroeconomia às diversas formas de se teorizar é inerente à própria disciplina. A economia é uma ciência social e deve ser vista e estudada como tal.

Especificamente sobre a macroeconomia Keynes já dizia que o todo não é igual à soma das partes, e que pequenas mudanças podem ter grandes impactos. Além disso, pressupostos de homogeneidade e continuidade não são atendidos (Bresser-Pereira & Lima, 1996).

A matematização ganhou força e, com ela, o formalismo. De um lado temos seus defensores, em sua grande maioria adeptos da *hard science*. Samuelson (1952), por exemplo, afirma que a “economia é naturalmente quantitativa” e que, portanto, corrobora com a economia matemática. Coloca também que a matemática é uma língua e que qualquer palavra pode ser traduzida para a matemática. Com isso, seria possível criar teorias completas a partir dela. Stigler (1949 apud Beed & Kane, 1991) enfatiza que “esta tradução não apenas é desejável, mas necessária”.

Com esse formalismo, a ciência econômica ganhou uma roupagem de *hard science*, que passou a dar muito prestígio aos economistas. Teorias matemáticas puras cresceram e, de certa forma, os trabalhos empíricos foram deixados em segundo plano (Beed & Kane, 1991).

Alguns alegam que pesquisas teóricas “puras” e formais podem eventualmente levar a hipóteses empiricamente testáveis. Talvez isso tenha acontecido em outras áreas do conhecimento. Como no caso da teoria da gravitação de Einstein, que não foi possível testar imediatamente, porém, dentro de vinte anos, várias de suas previsões puderam ser testadas (Powers, 1982).

Há também a visão alternativa de que a formalização matemática tira a atenção de problemas qualitativos na economia. Essa visão enfatiza a tendência de se viesar o conjunto de informações, reduzindo a importância dos aspectos do problema que não são quantificáveis ou incluídos no estreito quadro da modelagem matemática.

Os pressupostos neoclássicos utilizados na modelagem matemática são amplamente criticados, “pressupostos irrealistas (falsos/errados) sempre nos levarão a

conclusões (previsões) falsas” (Hausman, 1989). A necessidade de se fazer abstrações é reconhecida, porém, coloca-se que no formalismo “a matemática é apenas um jogo de combinação de símbolos” (Resnik, 1980) e “se damos à matemática o papel de ser um jogo com símbolos sem significado real, então, qual o objetivo de se jogar este jogo?” (Barker, 1964).

O problema central é que as teorias puras pouco ajudam no entendimento da realidade, uma vez que não necessitam de comprovação empírica. Isso segrega as demais teorias, restringindo o pluralismo (Beed & Kane, 1991).

Não se propõe aqui que os economistas não se posicionassem diante de sua corrente de pensamento. O pluralismo deve ser interpretado como o embate de ideias e teorias distintas. Ele é importante para estimular os economistas a enxergar a controvérsia como inerente à ciência, sendo o fator de seu progresso, e não um empecilho (Bianchi, 1996). As correntes precisam se conversar e debater; somente através do embate de ideias é que a teoria econômica será capaz de evoluir.

Não há um único método de se fazer teoria econômica. Tampouco há um melhor método de fazê-la. No entanto, nas últimas décadas, o prestígio foi dado a um único método: neoclássico (hipotético-dedutivo). O foco neste único método tem um custo muito alto ao desenvolvimento da teoria econômica. As universidades mundo afora apresentam em grande medida este único método a seus alunos. Um único método que não está sendo capaz de dar as respostas necessárias ao entendimento da realidade, mas serve para outros propósitos.

A (IM)PREVISIBILIDADE DA CRISE

De alguma forma temos um sentimento de que as respostas importantes estão sendo dadas por teorias informais, históricas, e observações comportamentais, e que os modelos formais vem ex post para demonstrar que algum aparato formal pode explicar ou incorporar um pouco do que realmente tem sido observado.

Joskow, 1975, p. 273, tradução livre

Há duas formas de se enxergar o fracasso em se impedir a crise financeira de 2008: (1) os modelos econômicos utilizados não incorporavam bolhas; logo, a crise era imprevisível; (2) a crise era previsível se aplicadas outras técnicas de leitura da economia. Com intuito de explorar este tópico, comecemos pela visão de que a crise era imprevisível.

Dentre os economistas que vislumbram o acontecimento de acordo com a primeira linha de pensamento — os modelos não incorporavam bolhas — encontramos, em sua vasta maioria, aqueles que utilizam técnicas neoclássicas para se interpretar a economia.

Para esses economistas, o livre mercado é capaz de se autorregular. Não apenas é capaz de se autorregular, como é extremamente eficiente nessa tarefa, deixando para o governo um papel secundário de “organizador” do livre mercado. Essa visão é defendida pelos principais economistas da linha de finanças e de *Wall Street*. Dentre eles, encontramos autoridades públicas responsáveis pela regulamentação do mercado financeiro em órgãos como: bancos centrais, comitê de Basileia, FMI etc. Esta visão — neoclássica — é amplamente difundida no ensino da economia e, certamente, é a que dá aos economistas o maior prestígio na mídia, no governo e no mercado privado.

Baseado nos pressupostos neoclássicos, o *mainstream* não foi capaz de prever a crise e, de certa forma, “vende” a ideia de que esta era imprevisível, dado as limitações de seus modelos. A título de ilustração dessa visão, podemos retomar o discurso de algumas autoridades pouco tempo antes da crise. Allan Greenspan (*Chairman* do FED em 2005) e Nout Wellink (*Chairman* do comitê de Basileia), por exemplo, deixavam claro que os derivativos, ou a bolha no mercado imobiliário, não resultariam em qualquer problema mais grave à economia.

Em seu discurso no US House Financial Services Committee, em fevereiro de 2005, Alan Greenspan disse que “*I don’t expect that we will run into anything resembling a collapsing [housing] bubble, though it is conceivable that we will get some reduction in the overall prices as we’ve had in the past, but that is not a particular problem*”. Mais tarde, em outubro do mesmo ano, na National Association for Business Economics, complementou essa visão, dizendo: “*development of financial products, such as asset-backed securities, collateral loan obligations, and credit default swaps, that facilitate the dispersion of risk [...] These increasingly complex financial instruments have contributed to the development of a far more flexible, efficient, and hence resilient financial system than the one that existed just a quarter-century ago*” (Bezemer, 2009, p. 4).

Seguindo a mesma linha, Nout Wellink, em 2006, disse que havia “*little evidence [...] to suggest that the expected or likely market corrections in the period ahead would lead to crises of systematic proportions*” (Bezemer, 2009, p. 4).

Essa visão também estava presente em grande parte da academia, principalmente nos adeptos do *mainstream*. Philip Das, por exemplo, disse que “*financial risks, particularly credit risks, are no longer borne by banks. They are increasingly moved off balance sheets. Assets are converted into tradable securities, which in turn eliminates credit risks. Derivative transactions like interest rate swaps also serve the same purpose*” (Bezemer, 2009, p. 5).

O Quadro 1 traz indícios dessa visão de imprevisibilidade da crise:

Quadro 1: Personalidades que ficaram surpresas com a crise

Analista	Atuação	Declaração
Glenn Stevens, Austrália	Governor of the Reserve Bank of Australia	"I do not know anyone who predicted this course of events. This should give us cause to reflect on how hard a job it is to make enuinely useful forecasts. What we have seen is truly a 'tail' outcome — the kind of outcome that the routine forecasting process never predicts. But it has occurred, it has implications, and so we must reflect on it" (RBA, 2008).
Nout Wellink	Chairman of the Basel Committee	"[n]o one foresaw the volume of the current Avalanche" (Lecture, 2009).
IMF	—	"there is little systematic evidence to support widely cited claims that financial globalization by itself leads to deeper and more costly crises" (IMF, Financial Globalization: A Reappraisal, 2006, p. 1).
Klaus-Peter Müller	Head of the New York branch of Commerzbank	"Did I know in March of '04 that there was a U.S. subprime market that was going to face serious problems in the next few years? No, I didn't have the slightest idea. I was a happy man then" (The <i>New York Times</i> , 2008).
Kaletsky	—	"those who failed to foresee the gravity of this crisis — a group that includes Mr. King, Mr. Brown, Alistair Darling, Alan Greenspan and almost every leading economist and financier in the world " (<i>Financial Times</i> , 2008).

Fonte: Autoria própria a partir de Bezemer, 2009, pp. 2-6.

A crença de que nada de errado aconteceria na economia era defendida em grande medida pelos principais economistas financeiros mundo afora. Mas como suas previsões poderiam estar tão erradas? Para tentar responder a esta questão, devemos olhar para a metodologia utilizada por esses economistas para previsão e leitura da economia.

Primeiramente, devemos lembrar que os modelos utilizados são, em grande medida, de equilíbrio geral, amparados nos pressupostos neoclássicos de racionalidade, igualdade de oportunidade, ausência de poder de mercado etc. Esses pressupostos estão implícitos nos modelos e, por mais que esses modelos busquem contemplar a economia como um todo — em alguns casos utilizando mais de 600 variáveis² para se analisar os impactos de uma política econômica — não conse-

² É o caso do Washington University Macro Model, utilizado para definições de políticas nos Estados Unidos.

guem captar aspectos-chave da economia, pois seus pressupostos são demasiadamente irrealistas.

Esses modelos levam em consideração a atuação de diversos agentes econômicos, fluxos e estoques de capital, entre eles: governo, população, desempregados, força de trabalho, energia, agricultura, produtividade, nível de preços, taxa de juros, oferta e demanda por moeda, compras governamentais, entre outras variáveis.

A conexão feita entre os agentes modelados e os princípios neoclássicos possibilita estimativas dos impactos de mudanças econômicas e choques na economia. No entanto, há dois grandes problemas nesse tipo de abordagem: (1) a simplificação da realidade, propiciada pela incorporação de pressupostos neoclássicos no modelo, muitas vezes leva a erros de predição, dado que a economia não se comporta tal qual esses pressupostos; e (2) dado a formulação do modelo, não são incorporados aspectos centrais da economia, sendo as bolhas criadas por crédito apenas um exemplo.

Não podemos negar que o aparato matemático desses modelos é bastante evoluído. Aparentemente, as robustas técnicas utilizadas com infinitas equações e variáveis são capazes de dar um bom direcionamento para a economia, mas nem sempre é assim. Um bom ferramental matemático muitas vezes é necessário na modelagem econômica, no entanto, ele não é capaz de substituir as relações sociais que efetivamente afetam a economia. Assim, uma das principais deficiências desses modelos é seu suporte básico: os pressupostos. Na ausência de pressupostos mais realistas, esses modelos falham em (1) captar aspectos significativos da economia e, portanto, (2) exaltar a presença de riscos sistêmicos nas diversas esferas econômicas, principalmente nos sistemas financeiro nacional e internacional.

Apesar de aparentemente pouco confiáveis, dada a irrealidade de seus pressupostos, seus resultados garantem sugestões de políticas econômicas que são extremamente valiosas para alguns grupos sociais, em especial aqueles que atuam no sistema financeiro.

Amparados nesses resultados, houve no período uma ampla desregulamentação do sistema financeiro internacional e um afrouxamento da regulação interna dos países. Com isso, produtos financeiros complexos, como derivativos, cresceram e ganharam volume. Juntamente com eles, cresceram também os lucros dos bancos e dos principais agentes de *Wall Street*. A ideologia de livre mercado aliada a métodos econômicos complexos em sua forma, mas amparados em pressupostos frágeis, ofuscaram o foco dos analistas, que foram incapazes de prever uma crise relativamente previsível.

Prossuiremos nossa análise falando agora daqueles que obtiveram sucesso em antecipar a crise. Vale ressaltar que, ao buscarmos *ex post* relatos de analistas que publicaram sobre uma possível crise de proporções alarmantes, devemos tomar cuidado para não incorrer na “*stopped clock syndrome*”. O risco aqui é que, em um mundo com milhares de agentes — analistas, acadêmicos, jornalistas, estudantes — diariamente publicando projeções sobre o futuro, é possível encontrar praticamente qualquer tese. Dessa forma, alguém certamente acertará os acontecimentos futuros. No entanto, isso não quer dizer que o fato ocorrido fosse previsível; poderiam ter sido “chutes” aleatórios que levaram a eventuais acertos (Bezemer, 2009).

Por isso, ao analisar esses relatos, buscaremos compreender qual o método utilizado por esses analistas para prever a crise. O Quadro 2 é uma reprodução dos relatos coletados por Bezemer (2009):

Quadro 2: Analistas que previram a crise

Personalidade	Atuação	Previsão
Dean Baker, US	Co-director, Center for Economic and Policy Research	" [...] plunging housing investment will likely push the economy into recession " (2006).
Wynne Godley, US	Distinguished Scholar, Levy Economics Institute of Bard College	"The small slowdown in the rate at which US household debt levels are rising resulting from the house price decline, will immediately lead to a [...] sustained growth recession [...] before 2010 " (2006). "Unemployment [will] start to rise significantly and does not come down again" (2007).
Fred Harrison, UK	Economic Commentator	"The next property market tipping point is due at end of 2007 or early 2008 [...] The only way prices can be brought back to affordable levels is a slump or recession " (2005).
Michael Hudson, US	Professor, University of Missouri	" Debt deflation will shrink the 'real' economy , drive down real wages, and push our debt-ridden economy into Japan-style stagnation or worse " (2006).
Eric Janszen, US	Investor and iTulip Commentator	"The US will enter a recession within years" (2006). "US stock markets are likely to begin in 2008 to experience a 'Debt Deflation Bear Market.'" (2007).
Stephen Keen, Austrália	Associate professor, University of Western Sydney	" Long before we manage to reverse the current rise in debt, the economy will be in a recession. On current data, we may already be in one" (2006).
Jakob Brøchner Madsen & Jens Kjaer Sørensen, Denmark	Professor & graduate student, Copenhagen University	"We are seeing large bubbles and if they bust, there is no backup . The outlook is very bad" (2005). "The bursting of this housing bubble will have a severe impact on the world economy and may even result in a recession" (2006).
Kurt Richebächer, US	Private consultant and investment newsletter writer	" The new housing bubble — together with the bond and stock bubbles — will invariably implode in the foreseeable future, plunging the US economy into a protracted, deep recession " (2001). "A recession and bear market in asset prices are inevitable for the US economy [...] All remaining questions pertain solely to speed, depth and duration of the economy's downturn" (2006).
Nouriel Roubini, US	Professor, New York University	"Real home prices are likely to fall at least 30% over the next 3 years" (2005). "By itself this house price slump is enough to trigger a US recession " (2006).
Peter Schiff, US	Stock broker, investment adviser and commentator	"[t]he United States economy is like the Titanic [...] I see a real financial crisis coming for the United States " (2006). " There will be an economic collapse " (2007).
Robert Shiller, US	Professor, Yale University	"There is significant risk of a very bad period, with rising default and foreclosures, serious trouble in financial markets, and a possible recession sooner than most of us expected " (2006).

Fonte: Bezemer, 2009, p. 9.

É interessante notar que os agentes que previram a crise têm as mais diversas formações e funções como: estudantes, professores, analistas de mercado financeiro e codiretor de centro de estudos de pesquisa em economia. Mas o que esses agentes viram que não estava incorporado nos modelos do *mainstream*?

O ponto central de praticamente todos esses trabalhos foi analisar o que ocorria de fato no mercado financeiro e articular esses acontecimentos à economia real. Diversas foram as análises realizadas; dentre as mais comuns, temos a análise contábil e os fluxos de fundos. Dessa forma, esses agentes puderam entender de fato as relações entre a crescente bolha de crédito e a economia real.

Quando se trabalha com o método hipotético-dedutivo, a articulação da teoria com a prática dá-se no plano hipotético e não no plano real. Dessa forma, a consistência teórica dos modelos se sobrepõe à sua capacidade de representar a realidade, sendo esta última dispensável. Porém, quando se trabalha com métodos dialéticos a consistência advém da capacidade de se representar a realidade. Assim, é possível interligar a teoria com a prática de maneira mais consistente, mesmo que não tenha a aparência científica proporcionada pelo método hipotético-dedutivo.

Dessa forma, a crise global — apesar de previsível e evitável — adquiriu proporções danosas à sociedade, em grande medida pela falha do método dominante em espelhar a realidade. Como mostra Bresser-Pereira, esta crise era desnecessária e ocorreu porque as ideias neoliberais tornaram-se dominantes e porque a teoria neoclássica legitimou seus principais dogmas, dando margem à desregulamentação imprudente dos mercados:

Thus, this global crisis was neither necessary nor unavoidable. It happened because neoliberal ideas became dominant, because neoclassical theory legitimized its main tenets, and because deregulation was undertaken recklessly while financial innovations (principally securitization and derivative schemes) and new banking practices (principally commercial banking, also becoming speculative) remained unregulated. This action, coupled with this omission, made financial operations opaque and highly risky, and opened the way for pervasive fraud. (Bresser-Pereira, 2010, p. 13, grifos meus)

O importante é entender que, atualmente, há um lugar de destaque para apenas uma visão da economia. Mas esta visão não é a única existente. Diversas outras formas de se analisar a economia são possíveis e coexistem com o *mainstream*; no entanto, com muito menos destaque. Porém, ter menos destaque não significa ser menos eficiente, pelo contrário; muitas vezes, outras metodologias obtêm maior sucesso em espelhar a realidade do que o método neoclássico. O pluralismo na economia é fundamental não apenas para o desenvolvimento das ciências econômicas, mas para o desenvolvimento do próprio *mainstream*, que, hipnotizado pelo destaque que tem com seus modelos elegantes, não tem conseguido responder a questões fundamentais da sociedade.

CONCLUSÃO

Tendo por base uma revisão da literatura, este estudo buscou elucidar as possíveis influências da falta de pluralismo na economia sobre a crise, bem como apresentar uma possível explicação para a incapacidade de impedir seu alastramento a despeito dos diversos indícios colocados.

Não há uma melhor teoria econômica capaz de explicar todas as esferas desta complexa ciência social. Dessa forma, é fundamental que haja diálogo, debate e embate entre as diversas correntes de pensamento. O isolamento não é bom nem para as teorias “minoritárias”, nem para a *mainstream*. Somente com o pluralismo é possível que cada esfera conheça suas incoerências e trabalhe de forma a desenvolver seus pontos fracos.

A controvérsia é inerente às ciências sociais e é através do embate de ideias que estas evoluem. O pluralismo é fundamental não apenas para que a teoria econômica como um todo evolua, mas, principalmente, para que as respostas necessárias ao desenvolvimento econômico e social sejam dadas de forma correta e coerente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. (2009) “Será que podemos conversar?” *Valor Econômico*, 26-28/06/2009.
- ARNOLD, P. J. (2009) *Global Financial Crisis: The challenge to accounting research*. Accounting, Organizations and Society.
- BARKER, S. F. (1964) *Philosophy of Mathematics*, Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1964.
- BEED, C.; KANE, O. (1991) “What is the critique of the mathematization of economics?” *Kyklos*, vol. 44, pp. 581-612.
- BEZEMER, J. D. (2009) “No One Saw This Coming”: *Understanding Financial Crisis Through Accounting Models*. MPRA.
- BIANCHI, A. M. (1996) “Muitos Métodos é o Método: A Respeito do Pluralismo”, *Revista de Economia Política*, vol. 12, n° 2, abril-junho, 1996.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos.; LIMA G. T. (1996) “The irreducibility of macro to microeconomics: a methodological approach” *Revista de Economia Política*, vol. 16, n° 2 (62): 15-39.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (2010) “The global financial crisis, neoclassical economics, and the neoliberal years of capitalismo”, *Revue de la régulation*, n°7.: 1-29.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (2011) “Os dois métodos e o núcleo duro da teoria econômica”. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 29, n. 2, Junho 2009: 163-190.
- CURRIE, G. (1988) “Realism in social sciences: Social kinds and Social Laws”. In: Nola, R. (ed.), *Relativism and realism in science*, Dordrecht: Kluwer, pp. 205-227.
- FRIEDMAN, M. (1953) *Essays in Positive Economics*. The University of Chicago Press.
- HAUSMAN, D.M. (1989) “Economic Methodology in a Nutshell”, *Journal of Economic Perspectives*. Vol. 3, pp. 115-175.
- JOSKOW, P. (1975) “Firm Decision-Making Process and Oligopoly Theory”. *American Economic Review*, Papers and Proceedings, Vol. 65, pp. 270-279.
- MÄKI, U. (1989) “On the problem of realism in economics”. *Ricerche Economiche*, XLIII, 1-2.
- MODIGLIANI, F.; MILLER M., (1958) “The cost of capital, corporation finance and the theory of investment”, *American Economic Review* 48 (3), pp. 261-297.
- POWERS, J. (1982) *Philosophy and the New Physics*, London: Methuen.
- RESNIK, M.D. (1980) *Frege and the Philosophy of Mathematics*, Ithaca: Cornell University Press.

- SAMUELSON, P.A. (1952) "Economic Theory and Mathematics — An Appraisal", *American Economic Review*, vol. 42, pp. 56-66.
- SCREPANTI, E.; ZAMAGNI, S. (2005) *An outline of the history of economic thought.*, Second Edition Revised and Expanded. Oxford: Oxford University Press, pp. 1-8.
- SOLOW, M. R. (1956) "A contribution to the theory of economic growth", *Quarterly Journal of Economics* 70, pp. 65-94.
- STIGLER, G. J. (1949) *Five lectures on economic problems*, Freeport: Books for Libraries Press.
- STIGLITZ, E. J. (2008) "Markets Can't Rule Themselves". *Newsweek*, 12/31/2008. Disponível em <http://www.newsweek.com/2008/12/30/markets-can-t-rule-themselves.html#> Acesso em 10/12/2010, 2008.
- THE ECONOMIST. (2009) "Where it went wrong-and how the crisis is changing it". *The Economist*, 18-24/07/2009.